

A VOZ DO SUJEITO PORTA-VOZ DA INCLUSÃO NO YOUTUBE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

THE VOICE OF THE SUBJECT SPEAKER FOR INCLUSION ON YOUTUBE: A DISCURSIVE ANALYSIS

Edson Santos de Limaⁱ
Carlos Piovezaniⁱⁱ

Resumo: É no século XXI que os discursos afirmativos contra as práticas opressoras direcionadas aos sujeitos com deficiência se consolidam historicamente na sociedade brasileira. Essa consolidação não significou a suspensão de práticas e discursos que discriminam esse grupo de pessoas, que continuam sendo reproduzidos, desde então, principalmente, sob a forma de discursos do capacitismo. Um espaço privilegiado para proceder a essas identificações são suas falas que circulam na mídia digital. No presente trabalho, nosso objetivo consiste em analisar o discurso da inclusão materializado no vídeo “Análise do discurso Michelle Bolsonaro (o que eu achei?)” publicado no canal do YouTube “Vai uma mãozinha aí?” em 2019. Nossa análise está fundamentada em postulados, noções e métodos da Análise do Discurso de linha francesa, articulando o pensamento de Michel Pêcheux e seu grupo e o de Michel Foucault. Metodologicamente submetemos o enunciado a um gesto de leitura discursiva que contempla a descrição e interpretação do que é dito e de suas maneiras de dizer. Os resultados indicaram a produção discursiva de um consenso de justiça social no discurso da porta-voz da inclusão, atravessado por viés mercadológico e midiático.

Palavras-chave: Discurso. Porta-voz. Inclusão. YouTube.

Abstract: It's on century 21st that the affirmative speeches against oppressive practices directed to people with disability has been historically consolidated at Brazilian society. This consolidation did not mean the suspension of practices and speeches which bring prejudice that group of people and it continues to be reproduced, since then, mainly, on the way of ableism speeches. A privileged space to proceed to these identifications are their speeches with circulate on digital media. On this work, we have as goal to analyze one specific speech of inclusion materialized on the video “Análise do discurso Michelle Bolsonaro (o que eu achei?)” published on YouTube channel: “Vai uma mãozinha aí?” in 2019. Our analysis will have as fundament postulates, notions, and French Speech Analysis method, which articulates Michel Pêcheux's ideas and his group as well as Michel Foucault's one. Methodologically, we have submitted the wording to one speech reading gesture with contemplates the description and interpretation of what is said and its ways to say. The results showed the speech production of one social justice consensus on speaker speech of inclusion, crossed by a mediatic and mercadological market.

Keywords: Speech. Speaker. Inclusion. YouTube.

Introdução

A exclusão de pessoas com deficiência vem pouco a pouco sendo mitigada por políticas públicas de inclusão social. Desde o século XX os movimentos organizados pelos

porta-vozes¹ da inclusão contribuem à criação de leis e decretos para legitimar as ações humanitárias direcionadas a esse grupo. Em luz disso os seus direitos foram garantidos judicialmente, porém as desigualdades sociais são frequentemente percebidas na sociedade. Isso é ainda mais agravado quando os preconceitos submetidos ao corpo e à voz recebem outros marcadores de discriminação, por exemplo, os de gênero e de sexualidade.

Na contemporaneidade, as pessoas com e sem deficiência utilizam das plataformas digitais à exteriorização de suas necessidades, temas de interesse e assuntos com repercussão midiática. Nesse sentido, em 2019, a então primeira-dama, Michelle Bolsonaro discursou em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na cerimônia de posse do ex-presidente da república, Jair Bolsonaro. Tal fato representou um acontecimento histórico, tornando-se assunto na mídia. Essa representatividade na esfera política promoveu um consenso de justiça social por mais visibilidade da LIBRAS no tecido social e fez circular discursos contrários às ideologias progressistas.

Dessa forma, objetivamos neste trabalho, analisar a materialidade discursiva do vídeo “Análise do discurso Michelle Bolsonaro (o que eu achei?)” publicado no canal do YouTube “Vai uma mãozinha aí?” em 2019. Na fala e nos elementos imagéticos do vídeo de Mariana Torquato, materializam-se diversas facetas do discurso da inclusão das pessoas com deficiência. Mais precisamente, buscaremos apreender a maior ou menor conservação ou efemeridade dos já-ditos acerca da deficiência no enunciado sob análise. Nessa prática discursiva será oportuno perceber o que é dito sobre a fala da então primeira-dama, os recursos argumentativos e prosódicos utilizados nos modos de se referir ao acontecimento histórico, a posição sujeito ocupada pela produtora do vídeo e os sentidos produzidos no enunciado audiovisual.

Teoricamente, a presente investigação está vinculada à Análise do Discurso de linha francesa sob os pressupostos teóricos de seu fundador, Michel Pêcheux no diálogo com o princípio da interdição proposto pelo filósofo Michel Foucault (1996). Metodologicamente, o gesto de leitura discursiva submetido ao enunciado contemplará a descrição e a

¹ Empregamos a noção de “porta-voz” na esteira de uma das definições que lhe foram dadas por Michel Pêcheux, articulando com reflexões análogas, mas não idênticas, feitas por Michel Foucault. Esclarecemos esse emprego no item 1 “Discurso e sujeito: breves considerações teóricas”.

interpretação do que é dito e das maneiras do dizer da fala de Mariana Torquato que possui uma deficiência física.

Com vistas a alcançar o objetivo que estipulamos aqui, optamos por subdividir a sequência deste artigo nas seguintes partes: inicialmente, apresentaremos a concepção de discurso que estamos filiados; em seguida, faremos uma breve exposição sobre os sentidos da deficiência na história e a presença das mulheres com deficiência na sociedade; na sequência, abordaremos o funcionamento do Youtube e sua dimensão mercadológica; após isso, realizaremos uma análise de nosso *corpus*; e, finalmente, apresentaremos nossa conclusão.

1 Discurso e sujeito: breves considerações teóricas

Entre 1950 e 1960 os princípios estruturalistas circulavam fortemente na França e nos diferentes domínios das Ciências Humanas. O principal responsável pela elaboração dessas ideias foi Ferdinand de Saussure, ao eleger a língua como objeto de estudo da Linguística, deixando à parte os aspectos da fala, da interação social e da subjetividade em suas investigações. Tais elementos tornam-se objetos de interesse dos filósofos, antropólogos e linguistas pós-estruturalistas. Essas condições históricas em solo francês foram decisivas para o surgimento da teoria da Análise do Discurso².

Michel Pêcheux é quem, decisivamente, participa dessa mudança científica com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* em 1969. Sua teoria materialista do discurso articula os postulados do marxismo e da psicanálise aos estudos linguísticos promovendo um estudo dos processos discursivos em uma instância intermediária localizada entre a língua e a fala. Para o autor, o conceito de discurso é definido assim: “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1990b, p. 82).

Considerando que os aspectos históricos, políticos e culturais constituem o aparecimento dos discursos, entende-se que o sujeito se materializa na linguagem. Ele é

² Ver Gregolin (2006) para um estudo mais aprofundado da teoria.

ideológico, porque interpelado socialmente constrói efeitos de identificação ou contra-identificação. Nessa abordagem é feita uma leitura não-subjetiva da língua na relação com o social, pois os sujeitos ocupam determinadas posições em interação. Portanto, na análise do enunciado, o vê imerso nas condições históricas que delimitam o funcionamento dos discursos, dos sujeitos e dos sentidos na sociedade.

É com base nesses e outros postulados da Análise do Discurso (AD) que examinaremos o papel de porta-voz da inclusão desempenhado por Mariana Torquato, por meio da análise da materialidade discursiva do vídeo que foi publicado na plataforma digital e suscitado pelo acontecimento histórico supramencionado. Pêcheux refletiu sobre a noção de “porta-voz” nos seguintes termos:

o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição do negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (PÊCHEUX, 1990a, p. 17).

Reflexão análoga foi feita por Foucault. O estabelecimento e a inscrição do enunciador nesse lugar social do “porta-voz” lhe conferem o *benefício do locutor*³ (FOUCAULT, 1999, p. 12), uma vez que supostamente se assume o dizer em meio a um espaço adverso, o do preconceito contra as pessoas com deficiência. Nesse espaço, a iniciativa de tomar a palavra já seria em si mesma um ato corajoso de fala, investido de um considerável poder de enunciação. Em que pese o importante papel desempenhado pelos porta-vozes do discurso da inclusão, não podemos perder de vista o fato de que eles se beneficiam do privilégio dessa condição.

Em vários campos institucionais, tais como a política, a religião e a produção de conhecimento, entre outros, ocorre o seguinte: certo desempoderamento de uma grande

³ O *benefício do locutor*, concebido por Foucault ao refletir acerca daquilo que denominou *hipótese repressiva*, incide, na verdade, sobre o privilégio gozado por aquele que, diante da suposta repressão em torno do sexo e do poder, deliberadamente desconsidera-a ou rechaça-a. Empreendeu-se, aqui, um deslocamento da noção foucaultiana do âmbito sexual, ao qual ela referia-se, para o midiático-político (FOUCAULT, 1999).

maioria é coextensivo de uma relativa concentração de poderes no desempenho das funções de alguns poucos, tendo em vista o domínio destes últimos de um conjunto específico de competências e de saberes. Sua aquisição compreende a passagem por alguns “rituais de iniciação”, que incidem sobre os usos da linguagem. O papel desempenhado por um porta-voz supõe preparação ou, ao menos, experiência prática. Daí decorrem as prerrogativas usufruídas por aquele que tem direito ao dizer legitimado nesses campos. Desse modo, observamos que um porta-voz da inclusão inscreve-se no espaço da luta pelos direitos das pessoas com deficiência como um enunciador que goza de legitimidade e visibilidade, uma vez que se encontra investido de atributos específicos para sua atuação nesse espaço. Ele é ao mesmo tempo “tribuno” e “debatedor”: é tribuno, nas relações extra-grupo, pois fala com legitimidade das pessoas com deficiência para as pessoas que não as têm; mas é também e talvez principalmente, debatedor, nas relações entre os seus, pois fala com visibilidade das pessoas com deficiência, para elas e em seu nome.

Nada disso, evidentemente, desmerece sua importante função de produzir discursos inclusivos e não capacitistas. Como criadora de conteúdo, Mariana Torquato, produz e faz circular um discurso legitimado nas lutas por condições igualitárias e representa o seu grupo demonstrando um saber na área da inclusão. A plataforma digital YouTube contribui à circulação desses sentidos que foram interditados em outras épocas e que atualmente, pela ordem do discurso da inclusão, são reproduzidos, controlados e silenciados.

A constituição do sujeito com deficiência passou por várias modificações em diferentes condições históricas de produção dos discursos. Diferentes práticas discursivas produziram não exclusiva, mas predominantemente a exclusão de seus corpos e de suas vozes, num primeiro momento, sua relativa integração, num segundo, e, finalmente, sua inclusão. Faremos algumas considerações sobre essas passagens da exclusão para a integração e desta última para a inclusão no tópico seguinte. Antes, porém, vamos expor mais alguns princípios fundamentais da AD, tendo em vista que nosso propósito consiste em analisar alguns elementos do discurso da inclusão.

O materialismo histórico, campo privilegiado de conhecimento que fundamenta a AD, postula que as ideologias relacionam-se umas com as outras sob a forma de conflitos, assimilações e contradições e materializam-se em práticas, objetos e discursos. Com base na

ideia de que as ideologias se materializam privilegiadamente nos discursos, Michel Pêcheux sustentou a necessidade de um campo que se dedicasse à análise destes últimos, considerando que a discursividade compreendia ao mesmo tempo condições e elementos históricos e sociais, linguísticos e inconscientes.

Aos princípios do materialismo histórico foram articulados postulados, métodos e conceitos da linguística e da psicanálise. No pensamento de Pêcheux, o discurso não corresponde ao caráter universal da língua, cujas unidades e regras de combinação são as mesmas para todos os membros de uma comunidade linguística, nem tampouco à condição individual da fala, que é singular em cada uma de suas manifestações. O discurso se situa, antes, “num nível intermediário” (PÊCHEUX, 1990b, p. 74) entre a universalidade da língua e a individualidade da fala e consiste numa prática regular, que materializa as ideologias e que é determinada pela luta de classes.

Há diversas formações sociais, porque são distintos os sistemas de produção e diferentes as classes e os grupos de uma sociedade. Essas formações sociais compreendem várias formações ideológicas: cada uma delas envolve um conjunto de ideias, práticas e valores que “não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se referem mais ou menos diretamente a ‘posições de classe’ em conflito umas com as outras”. Essas formações ideológicas comportam, necessariamente, como uma de suas componentes, “uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito*, a partir de uma dada posição numa dada conjuntura” (PÊCHEUX, 2011, p. 72-73, grifos do autor).

Além de controlar o que dizem os sujeitos, o discurso produz os sentidos das coisas ditas. Para a AD, “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, isto é, elas “mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra” (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Os sentidos não são inerentes às formas linguísticas, a linguagem não é transparente nem seus usos são neutros:

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Elas recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (PÊCHEUX, 1988, p. 160-161).

Em suma, os discursos materializam as ideologias, determinam o que pode e deve ser dito e são ainda a matriz de produção dos sentidos. Conforme afirmamos, é com bases e em outros postulados da AD que examinaremos uma série de elementos e efeitos de enunciados que materializam o discurso da inclusão.

2 Sentidos da deficiência na história: exclusão, segregação e inclusão social

A inscrição dos sujeitos com deficiência em nossa sociedade se dá por três diferentes práticas sociais: exclusão, integração e, mais recentemente, a inclusão (SASSAKI, 2002), essas tornam-se normalizadoras por diferentes fatores históricos e sociais. Sendo que a produção dos sentidos sobre as pessoas com deficiência surgem através das práticas predominantes em certas épocas e culturas.

Na Grécia Antiga, os valores culturais e políticos normalizavam práticas de extermínio das crianças com deficiência física, porque aquela sociedade apresentava um cultivo à perfeição do corpo e da mente na *polis* grega. Nessa cultura, prevaleciam virtudes de força, vigor, saúde e sutileza para a vida da população. Essas práticas apenas se modificam com a expansão do Cristianismo, quando o homem é compreendido como um “ser racional, criação e manifestação de Deus” (ARANHA, 1995, p. 65).

Na Idade Média imperavam as práticas religiosas ao exercício do cuidado e da assistência dos povos pobres e deficientes. O corpo é objetificado por ideias teológicas e míticas que o representavam enquanto criação de Deus ou da monstruosidade no mundo. As práticas de punição, isolamento, torturas e castigos eram frequentes nessa época. No início do século XVI surgem outras práticas sociais com o advento dos estudos científicos da medicina e do sistema econômico de produção. A exclusão deixa de ser praticada gradativamente. Assim, os sujeitos com deficiência foram considerados “anormais” por não participarem, por exemplo, das exigências de uma sociedade capitalista. Até o século XIX predominaram ações corretivas e de educabilidade em hospícios, instituições de reabilitação e escolas especiais. Naquela época, agora de integração, os discursos da biomedicina e da autoridade dos profissionais da reabilitação promovem um gradativo silenciamento das vozes desses sujeitos.

No século XX cresce o número de pessoas com deficiência após as duas grandes guerras mundiais. As mudanças acontecem à inclusão dessas pessoas numa época marcada pelas discussões entre o modelo médico e o social. Entre tais modelos “[...]há uma mudança na lógica da causalidade da deficiência: para o modelo social, a causa da deficiência está na estrutura social, para o modelo médico, no indivíduo” (DINIZ, 2003, p. 2). Isso fez promover a reflexão de que os sujeitos com deficiência precisavam participar da vida social, exercer a cidadania e trabalhar.

Na década de 1970 surge uma segunda geração de ativistas do modelo social. O grupo formado por mulheres com deficiência traz à discussão o tema do cuidado e a experiência do corpo gravemente doente. Esse movimento liderado pelas porta-vozes ganha força, posteriormente, através dos discursos antirracistas e feministas na luta contra as diferentes opressões submetidas ao corpo considerado “anormal”. Torna-se oportuna, assim, uma reflexão interseccional com outras variáveis de desigualdade, tais como gênero e sexualidade. Nisso, se o corpo da mulher com deficiência está submetido aos preconceitos por sua condição física, outros marcadores sociais tendem a ampliar as práticas de opressão e a desigualdade social (GESSER, 2010).

Para melhor compreendermos a circulação desses discursos e as práticas de exclusão na contemporaneidade, é oportuno algumas considerações sobre a plataforma digital YouTube. Esse será o assunto da próxima sessão.

3 A plataforma digital YouTube: a circulação dos discursos na sociedade

Os porta-vozes da inclusão participam das mídias digitais com diferentes finalidades: compartilhar informações, trabalhar na produção de vídeos abordando, assim, consensos e resistências. Esse espaço de circulação, produção e consumo de conteúdos promove interação entre os usuários e, além disso, modela as nossas práticas e condutas sociais. Compreende-se que “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno” (THOMPSON, 2009, p. 19).

O YouTube é uma plataforma digital que surgiu em 2005 e o seu modo de

funcionamento diferencia-se da televisão e do cinema, porque congrega a democratização das ferramentas de distribuição audiovisual com cultura popular colaborativa e uma comunidade. Há um monitoramento dos usuários por meio das visualizações, do número de inscritos e os conteúdos possuem um valor mercadológico através também do *marketing* publicitário. Os criadores podem receber prêmios⁴ e a interação com os usuários ocorre por meio das ferramentas de curtir, comentar e compartilhar os vídeos. Os fatos do cotidiano podem ser transmitidos ao vivo e difundidos mundialmente, isso demonstra a diversidade e o alcance do YouTube na sociedade.

Dá-se, então, uma participação mais ou menos relativa desses sujeitos falando sobre suas necessidades e fatos sociais em vídeos amadores e originais. Quando é criado um canal na plataforma citada, é preciso mantê-lo ativo criando uma comunidade colaborativa e isso implica em certas estratégias argumentativas para que tenham audiência e adesão social. Tal espaço digital torna-se oportuno às pessoas com deficiência que foram historicamente excluídas da sociedade e que não tiveram amplamente um lugar de fala e de escuta social. Isso não significa uma propagação de práticas progressistas, pois, os sentidos da exclusão são ainda, infelizmente, conservados e interditados.

Na atualidade, observa-se uma relativa participação das mulheres com deficiência nessa plataforma digital em vídeos que abordam a rotina de trabalho, dicas de beleza para o corpo e dentre outros assuntos que são consumidos diariamente. Os temas relacionados à política, sexualidade, preconceitos e à superação possuem altos índices de reações por causa da identificação ou da curiosidade aos modos de ser deficiente. Nesse sentido, passemos, a seguir, à análise do enunciado audiovisual compreendendo o YouTube como um espaço de controle dos sentidos à criação de valor simbólico e midiático aos perfis dos porta-vozes da inclusão.

⁴ O Youtube, atualmente, presenteia os criadores de conteúdo com a placa de prata, quando atingem 100 mil inscritos, a placa de ouro para 1 milhão de inscritos, a placa de diamante para 10 milhões de inscritos e a placa de diamante vermelho para a marca de 100 milhões de inscritos. Além disso, é avaliado se o canal está ativo, sem notificações de violação das regras da comunidade e cumprindo os termos de serviço. A premiação simboliza positivamente a contribuição do canal por sua originalidade e isso valoriza o trabalho do criador de conteúdo na plataforma e socialmente.

4 Uma análise discursiva: a fala da porta-voz da inclusão no YouTube

No dia 01 de janeiro de 2019 aconteceu a cerimônia de posse do ex-presidente, Jair Bolsonaro, nessa ocasião foram repercutidos dois fatos na mídia: a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro discursou antes do presidente eleito e o seu discurso foi proferido em LIBRAS. A posse foi transmitida ao vivo nas plataformas digitais e na televisão e fez ampliar a repercussão do acontecimento entre os brasileiros causando um efeito de valorização histórica dos sujeitos com deficiência na política. Isso gerou diferentes reações na mídia e tornou-se um assunto relevante para os criadores de conteúdo no YouTube. O discurso da ex-primeira-dama foi classificado socialmente, sobretudo, como “surpreendente”, “inédito”, “emocionante” e “comovente”.

No interior dessas práticas de completa identificação ao protagonismo político da ex-primeira-dama, surgiram discursos de contra-identificação a esses valores de comoção e valorização. É na filiação a esse discurso que a porta-voz da inclusão, Mariana Torquato, produz o vídeo “Análise do discurso Michelle Bolsonaro (o que eu achei?)”⁵ publicado em seu canal no dia 02 de janeiro de 2019.

O canal do YouTube “Vai uma mãozinha aí?” é descrito da seguinte forma: “um canal livre de moldes ou padrões. Afinal, ser humano é ser diferente” e ele foi criado no dia 01 de julho de 2015, atualmente tem mais de 160 mil inscritos. O discurso da porta-voz se propõe a combater os preconceitos direcionados às pessoas com deficiência em diferentes setores sociais. Frequentemente ela fala sobre a sua deficiência física, sexualidade e política em seus vídeos. Mariana Torquato ocupa um lugar de fala promovendo um discurso de justiça social por um consenso de igualdade dos direitos. Esse efeito é produzido em outros vídeos⁶ e a posição de especialista que lhe é atribuída acontece por, especificamente, discutir o tema da inclusão na sociedade. À interação na plataforma utiliza-se de expressões, recursos imagéticos e estratégias retóricas para persuadir os interlocutores e ter mais inscritos no seu

⁵ Link do vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=o81yS8q3t5c&t=320s>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

⁶ Mariana Torquato publicou “Em quem votar para presidente” em 01/10/2018 e “Mulher do Bolsonaro vai salvar os deficientes” em 05/12/2018, ambos conteúdos, produzidos e publicados em seu canal, oportunizaram falar sobre a inclusão de pessoas com deficiência, a LIBRAS e os planos de governo dos candidatos à presidência da república em 2018.

canal. Dessa forma, são produzidos alguns elementos retóricos que constituem a sua posição de sujeito porta-voz da inclusão.

Devido à emergência das práticas discursivas e não-discursivas de inclusão nas diferentes instâncias sociais: seja a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas, no mercado de trabalho, à inclusão de recursos e tecnologias adaptadas a cada tipo de deficiência; seja a combater as opressões de gênero, sexualidade, capacidade e dentre outros marcadores de desigualdade. Constrói-se uma representação social de que os sujeitos autorizados a falar sobre o tema sejam aqueles especialistas no assunto de educação inclusiva, ou que façam parte do grupo dos familiares, ou pessoas com deficiência. Sobre esse controle do discurso, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Mariana Torquato ocupa a posição sujeito que tem propriedade no assunto e compartilha dessas evidências com os usuários, assim, ganha audiência na plataforma digital. Vejamos, a seguir, o trecho inicial de sua fala⁷.

Tá começando mais um ano e **mais** um vídeo aqui no Vai uma mãozinha aí? Seja bem-vindo a 2019, temos mais um ano pela frente: o canal vai fazer três anos, esse ano, e se pá, quem sabe, conseguiremos chegar a marca de 200, 300, 400, por que não 500 mil inscritos: aqui nessa família? Tudo depende de você se inscrever:: e dar aquele suporte:: vê os vídeos, compartilhar com os amigos:: essas coisas todas que vocês já sabem, né? Então:: um brindizinho a 2019. E 2019 no Brasil significa que temos um novo presidente, que ele tomou posse:: no dia primeiro de janeiro de 2019. Hoje:: estamos aqui para analisar o discurso, **não** do presidente, mas da primeira-dama, Michelle Bolsonaro que fez o seu discurso em LIBRAS. Como esse canal tem a ver com tudo o que é relacionado com deficiência, não poderia deixar esse discurso passar... a gente já falou da Michelle aqui numa live super gostosinha, a primeira live do canal. Se você quiser dar uma olhadinha, é só você:: clicar aqui (acena com o braço) E também, lá em 2018, a gente comparou as propostas dos candidatos à presidência em relação à pessoa com deficiência. Se você ainda não assistiu, é só você dar uma olhadinha (acena com o braço). E deixa eu te refrescar, o Bolsonaro não falava nada sobre pessoas com deficiência no **seu** plano de governo [...].

⁷ Optamos por transcrever o *corpus* de análise destacando os prolongamentos da fala e as fortes incidências sonoras nas sílabas e palavras pronunciadas.

Mariana Torquato direciona-se aos interlocutores, ela constrói uma posição sujeito de porta-voz da inclusão, comemora as conquistas alcançadas na plataforma digital por causa da produção de conteúdo original e atualizado com as questões políticas direcionadas às pessoas com deficiência. Tais efeitos são produzidos por diferentes estratégias argumentativas, por exemplo, na referência que é feita aos números de inscritos no canal: “quem sabe, conseguiremos chegar à marca de 200, 300, 400, por que não 500 mil inscritos, aqui nessa família?” e não há nada que dependa dela, mas “tudo” depende de sua “família” que precisa seguir as regras de engajamento: “Tudo depende de você se inscrever:: e dar aquele suporte:: vê os vídeos, compartilhar com os amigos”.

Outra estratégia usada é quando a porta-voz da inclusão se inscreve na posição de vigilante perante a sociedade. O sujeito está instado a falar de todas as coisas relacionadas à deficiência, isso é materializado no seguinte dizer: “não poderia deixar esse discurso passar”. Por meio da expressividade tônica do verbo “deixar”, isso reforça um posicionamento de representante do povo diante das exclusões que os sujeitos com deficiência sofreram na história e, que apenas na contemporaneidade, vivenciam práticas de inclusão. Isto é, a sociedade precisa estar ciente e vigilante das políticas de inclusão para que essas pessoas não sejam submetidas às práticas de exclusão e opressão social.

A porta-voz da inclusão apresenta uma desenvoltura prosódica eufórica, elementos gestuais e imagéticos que contribuem aos efeitos persuasivos. Faz indicações de outros vídeos produzidos quando diz: “é só você clicar aqui” e associa seu dizer com a ação do braço indicando o local na tela. Isso produz um efeito de credibilidade ao canal e durante a sua fala outros vídeos são indicados. Além disso, a placa de prata é exposta no cenário para simbolizar a premiação recebida por já ter atingido a marca de 100 mil inscritos. O autêntico trabalho de influenciadora e criadora de conteúdo na plataforma é destacado por esses efeitos observados na imagem a seguir.

Imagem 1: Vídeo de Mariana Torquato



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=o81yS8q3t5c>

No enunciado imagético é possível percebermos por uma relação interdiscursiva outras opressões submetidas ao corpo da mulher com deficiência, uma vez que, os sentidos da discriminação são interditados em sua fala. Muitas mulheres estão sujeitas a agressões físicas e sexuais por causa dos preconceitos de gênero, sexualidade e capacidade (GESSER, 2010). Os estigmas são reforçados socialmente por uma maior participação de homens com deficiência ocupando os espaços de trabalho, enquanto que as mulheres com deficiência ficam, sobretudo, submissas aos trabalhos domésticos e ao cuidado da família.

No enunciado verbal: “Amor próprio salva vidas” exposto no cenário destaca, através do interdiscurso, o sentido de proteção contra o feminicídio que as mulheres sofrem. Segundo Gesser (2010), as mulheres com deficiência possuem uma menor capacidade de produção de sua própria defesa física, maior dependência à assistência e cuidados de outras pessoas e, além disso, elas são oprimidas e excluídas do direito ao exercício da sexualidade. Há, também, uma falta de acessibilidade em receber denúncias dessas mulheres nas delegacias e os próprios agressores são os seus cuidadores.

Ainda analisando a materialidade discursiva do vídeo, faz-se visível o uso de intensificadores por meio das palavras, por exemplo, “muito” ou “muito importante” com diferentes modulações prosódicas sendo reiteradas produzindo efeitos de sinceridade aos interlocutores por compartilhar de uma opinião consensual. Com isso a porta-voz representa discursivamente uma posição sujeito comovida com a visibilidade que a LIBRAS obteve. É

o que está sendo enunciado a seguir.

[...] e:: então eu acho que é muito importante que a gente venha falar sobre a função da Michelle Bolsonaro nesse sentido, nesse governo, porque a Michelle, no seu discurso ela falou o seguinte: “Eu gostaria de modo muito especial, de dirigir-me à comunidade surda, às pessoas com deficiência e todos aqueles que se sentem esquecidos. Vocês serão valorizados e terão seus direitos respeitados. Tenho esse chamado no meu coração e desejo contribuir na promoção do ser humano”. Quando a Michelle fala um negócio desses, ela traz para **ela** a responsabilidade de fazer com que as políticas de inclusão sejam respeitadas e valorizadas. **É preciso ressaltar** que foi muito importante ver pela primeira vez a LIBRAS sendo **utilizada**, principalmente por uma primeira dama, para isso a gente tem que enaltecer sim! Porque é um absurdo o descaso que acontece a segunda língua oficial do nosso país, apesar da minha posição política ser muuito contrária ao que Bolsonaro representa, eu **não** tenho como ignorar que a primeira dama:: fez um ato brilhantemente executado! Porque:: é muito, muito importante que a LIBRAS ganhe visibilidade, porque muitas pessoas ainda tem o preconceito muito grande dizendo que não é língua:: que não é importante, então:: é sim uma coisa a se enaltecer desse ato. Agora, a gente não pode ser completamente ingênuo e esquecer que o Bolsonaro tem muuitas, **muitas** polêmicas envolvendo minorias [...].

De modo estratégico faz uso, também, do discurso direto para ressaltar a fala da então primeira-dama produzindo um efeito de contra-identificação. Este é um objetivo da porta-voz da inclusão: não se comprometer com o que foi dito, mas esclarecer, alertar e explicar à sociedade quais as “estratégias” do “ato brilhantemente executado!”. Outro mecanismo retórico, presente em sua fala, representa interlocutores que precisam de esclarecimentos para não serem “ingênuos”. Destarte, o sujeito enunciador se inscreve na posição de especialista em Educação Inclusiva ao explicar os preconceitos sobre a LIBRAS e a “complexidade” das deficiências, pois há sujeitos surdos que não fazem uso da língua de sinais, mas são oralizados ou usam implantes cocleares. Nesse modo a porta-voz usa de argumentos lógicos para persuadir os usuários, conforme se pode notar nos trechos a seguir.

[...] e ela, é:: alí usando a língua de sinais, alí:: falando especialmente das pessoas com deficiência, que já são tão excluídas... que já trazem essa sensação de emoção nas pessoas, é uma forma, sim de dizer quee:: a esquerda, ou que as minorias estavam erradas:: e quando eles trazem a **vivência** da Michelle como intérprete de LIBRAS **para** um

pronunciamento de posse, a gente percebe que há ali:: um certo interesse de limpar essa imagem do Bolsonaro, principalmente trazendo ela para palestrar antes, né?... para falar antes, quebrando o protocolo, e isso é uma jogada de marketing sim, gente, a gente não pode esquecer disso, não pode não mencionar, o fato de que:: a Michelle falar LIBRAS não a torna uma mulher bondosa e solidária, e o fato de falar LIBRAS não torna ninguém santo. O fato de incluir pessoas com deficiência não torna ninguém santo! [...].

[...] acho também que é importante a gente ressaltar que **nem** todas as pessoas com deficiência auditiva, nem todas as pessoas surdas, utilizam a LIBRAS para se comunicar! Existem muitos surdos oralizados e muitas pessoas adquirem implantes cocleares e enfim:: toda a surdez, ela não si:: limita à comunidade relacionada à LIBRAS... então, quando ela fala em LIBRAS, ela não está incluindo todas as pessoas com deficiência auditiva, né! eu acho que isso é um ponto importante a deixar claro, porque muitas pessoas ainda não entendem a complexidade que existe em relação às deficiências:: e que uma pessoa surda não quer dizer que utilize LIBRAS para se comunicar, né? e:: que uma pessoa com deficiência auditiva pode ser oralizada e falar português:: aliás:: vocês sabiam que pessoas que são oralizadas e que possuem deficiência auditiva ganham mais do que pessoas:: que não alfabetizadas em LIBRAS? No nosso próprio país existe um preconceito com a nossa segunda língua oficial. Esse tipo de coisa precisa ser combatida:: e esse tipo de coisa:: agora a gente pode cobrar da Michelle Bolsonaro![...].

É possível destacar os efeitos emotivos que a porta-voz da inclusão busca causar nos seus interlocutores. Apela-se aos sentimentos coletivos, tanto às emoções positivas quanto à “jogada de marketing” da ex-primeira-dama ter discursado antes do ex-presidente. Há uma relação interdiscursiva do discurso religioso ao da inclusão no enunciado: “o fato de falar LIBRAS não torna ninguém santo. O fato de incluir pessoas com deficiência não torna ninguém santo!”. É possível resgatarmos uma memória discursiva da caridade, por causa de uma crença social de que as pessoas que falam LIBRAS são consideradas “bondosas” e “solidárias”. Essa prática, muito circulada na Idade Média, representava os atos de caridade como um símbolo do amor de Deus e da santidade humana.

As práticas de assistencialismo direcionadas ao corpo com deficiência esteve muito presente na modernidade provocando inúmeras exclusões sociais. A ação de dar “assistência” é capacitista, porque não contribui à autonomia, à independência e à interdependência. Esse conceito está pautado na premissa da capacidade, da sujeição do

corpo dito “normal” entre aqueles considerados “anormais”. Conforme nos apresenta Marco (2020, p. 18) “capacitismo é a opressão e o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, o tecido de conceitos que envolve todos que compõem o corpo social”. Assim, as práticas de assistencialismo não beneficiam o desenvolvimento social e pessoal desses sujeitos. Como podemos observar no trecho abaixo.

[...]porque Michelle colocou-se ali::, naquela posição de responsabilidade perante as pessoas com deficiência... e nós, pessoas com deficiência temos que fiscalizar, olhar e cobrar caso o governo haja de forma contrária aos nossos interesses e aos nossos direitos. Então:: por mais que eu tenha diferenças com esse governo, então:: por mais que eu não tenha votado no Bolsonaro::: eu:: vejo a presença da Michelle como uma importante peça pra que a minoria pessoa com deficiência não seja ainda mais esquecida. Uma coisa que ela fala no seu discurso é que ela terá oportunidade de ajudar as pessoas que mais necessitam... a palavra ajudar me lembra assistencialismo, que me lembra o que acontece com as pessoas com deficiência há muito tempo. Nós precisamos de:: inclusão, respeito, acessibilidade, representatividade... esse tipo de coisa que é básica, porque ajuda, as pessoas já tentaram nos ajudar... assim:: historicamente as pessoas só quiseram ajudar as pessoas com deficiência e nós estamos tão para trás. Então, a gente não precisa de ajuda, necessariamente... a gente precisa de:: políticas públicas, de inclusão que sejam boas, que sejam fiscalizadas, que sejam realmente implementadas ao nosso favor! É muito importante que as leis sejam de inclusão e **não** de assistencialismo, porque existe uma barreira muito grande e uma diferença muito grande entre assistencialismo e inclusão [...].

Observa-se que a porta-voz da inclusão destaca as atitudes capacitistas de dar assistência e os resultados disso às pessoas com deficiência. O destaque à palavra “ajudar” estabelece uma interdiscursividade com o discurso religioso. Esse sentido também está materializado no enunciado proferido pela ex-primeira-dama: “Tenho esse chamado no meu coração e desejo contribuir na promoção do ser humano” que, como vimos anteriormente, foi destacado na fala da influenciadora da inclusão.

Mariana Torquato alerta sobre as práticas de discriminação na sociedade e isso lhe dá credibilidade social, direciona-se especialmente às pessoas com deficiência para que tornem-se vigilantes. É produzido com o uso das palavras “nós” e “temos” um efeito de se incluir nessa vigilância quando faz referência ao grupo das pessoas com deficiência. Observamos, também, esse efeito sendo evocado por meio da palavra “nosso” no enunciado:

“**É: nosso** dever fiscalizar” pronunciado em tom eufórico e afirmativo.

[...] **É: nosso** dever fiscalizar o que vai acontecer nos próximos anos... e agente pode sim cobrar da primeira-dama, porque por mais que esse discurso tenha sido ensaiado e visto e talvez ele sirva para outras coisas agora, no governo Bolsonaro, né: em relação a estratégia de posicionamento, de imagem e enfim... ele nos dá esse combustível que a gente precisa:: pra ter alguém que a gente possa cobrar quando as coisas começarem a irem mal... se as coisas começarem a irem mal, né? e se as coisas começarem a irem bem, quem sabe teremos uma próxima Lady Di, como muita gente está falando aí? Quem sabe, né gente, nunca:: otimismo nunca é demais! O ano tá começando, vamos fazer um ano suave e otimista que as coisas não vão ser tão ruins assim:: né? vamos tentar assim, pode ser? Ficamos combinados assim? Fica aí no canal, gente, esse ano vai ter coisa linda demais para vocês assistirem e ano passado teve um monte, então assiste aí. Um beijo.

Ao analisarmos a fala da porta-voz da inclusão, observa-se que o uso dos argumentos sobre a LIBRAS promoveram um discurso eloquente e interativo, esse controle discursivo (FOUCAULT, 1996), nos usos e formas do seu dizer, buscou persuadir os interlocutores. Após ocupar a posição de sujeito especialista no assunto da Educação Inclusiva e ciente das dificuldades que os sujeitos com deficiência auditiva enfrentam na sociedade, a porta-voz faz apelo ao discurso consensual do otimismo e das expectativas esperadas com o novo governo. Pode-se perceber esse efeito de sentido no enunciado: “vamos fazer um ano suave e otimista que as coisas não vão ser tão ruins assim:: né?”. É oportuno destacar a memória discursiva de exclusão social no seguinte dizer: “tão ruins assim:: né?” intensificando o sentido das discriminações e, sobretudo, às opressões ao corpo das pessoas com deficiência que foram interdidas em sua fala.

Na análise do enunciado audiovisual ocorreu um silenciamento do discurso da opressão de gênero e da sexualidade na voz da mulher com deficiência. Isso por causa do funcionamento do discurso no YouTube, que é gerenciado por estratégias retóricas e argumentativas que geram valor simbólico aos perfis dos porta-vozes da inclusão.

Conclusão

A análise discursiva elaborada no presente trabalho oportunizou compreender práticas discursivas e não-discursivas alicerçadas em mecanismos de controle e interdição no discurso da inclusão. Tornou-se, assim, um gesto de leitura que buscou descrever e interpretar a materialidade discursiva do vídeo “Análise do discurso Michelle Bolsonaro (o que eu achei?)” publicado no canal do Youtube “Vai uma mãozinha aí?” em 02 de janeiro de 2019, após o acontecimento histórico da então primeira-dama ter discursado em LIBRAS na cerimônia de posse do ex-presidente, Jair Bolsonaro.

Essa análise discursiva teve por fim destacar estratégias argumentativas e os efeitos emotivos produzidos pela porta-voz. O discurso da inclusão circulou, assim, sob os efeitos de uma ordem mercadológica e midiática que é preciso falar sobre, esclarecer e explicá-lo à sociedade. A posição de especialista no assunto ocupada pela porta-voz destacou um lugar consensual de vigilância por inúmeras práticas de exclusão que as pessoas com deficiência sofreram no passado e ainda sofrem.

Na emergência desse discurso da porta-voz da inclusão no YouTube, através da análise do que foi dito e dos modos de enunciar o seu dizer, observou-se o controle discursivo (FOUCAULT, 1996) proporcionado pela instância midiática que silenciou as opressões de gênero e de sexualidade submetidas às mulheres com deficiência. No enunciado audiovisual analisado, dois discursos foram evocados: o discurso religioso com as práticas de assistencialismo que é capacitista e o discurso de justiça social à garantia dos direitos das pessoas com deficiência.

Sob está ótica destacamos a constatação de que, em discursos de porta-vozes da inclusão dos sujeitos com deficiência, há, por um lado, avanços igualitários importantes em suas falas, e, por outro, conservação mais ou menos modificada de enunciados que silenciam seus corpos, suas falas e suas vozes, em razão de adesões e reproduções de crenças e consensos sociais que circulam socialmente e que são reproduzidos na mídia digital.

Referências

- ARANHA, M. S. F. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, n. 2. 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n2/v3n2a08.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- DINIZ, D. O modelo social da deficiência: a crítica feminista. *Série Anis* v. 28, Brasília, LetrasLivres, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15250>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 5 ed. Editora: Loyola. São Paulo, 1996.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GESSER, M. *Gênero, corpo e sexualidade: processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física*. 2010. 296 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- GREGOLIN, M. R. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2006.
- MARCO, V. D. *Capacitismo: o mito da capacidade*. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2020.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: ORLANDI, E. P. & GERALDI, J. W. (Org.) *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas/IEL-UNICAMP, jul./dez., p. 25-42, 1990a.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HALH, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990b, p. 61-161.
- PÊCHEUX, M. Língua, Linguagens, Discurso. In: PIOVEZANI, C. ; SARGENTINI, V. (Org.) *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 63-75.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Trad. Wagner O. Brandão. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



ⁱ Doutorando em Linguística na Universidade Federal de São Carlos - PPGL/UFSCar
E-mail: edsonsantosln@hotmail.com
Lattes ID: 6206587228699628
ORCID: 0000-0002-2089-7666

ⁱⁱ Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
E-mail: cpiovezani@uol.com.br
Lattes ID: 1677609008094603
ORCID: 0000-0002-3612-983X

